



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A CIDADE E O CINEMA – UM OLHAR SOBRE FORTALEZA**

Rodrigo Capistrano Camurça\*

**RAIMUNDO DOS QUEIJOS: O FILME E O BAR**

Amanhecendo o dia, um jovem caminha pelo centro da cidade de Fortaleza. Atravessando calçadas e ruas vazias, ele chega a um bar. Ali, entre porções generosas de queijo e goles de cerveja, o personagem se transforma num observador do lugar, acompanhando sua rotina num dia de domingo. Além da câmera que revela os frequentadores e hábitos do bar, conseguimos enquanto espectadores adentrar no ambiente através das informações deixadas por escrito pelo personagem principal. Ao longo do filme, o mesmo realiza anotações no seu pequeno caderno que funciona como uma espécie de “diário boêmio”, pois é onde ele coloca informações e impressões acerca dos bares por onde transita. Por trás dessa narrativa econômica, não sabemos bem ao certo se assistimos a um documentário sobre o bar ou a uma ficção envolvendo o universo daquele personagem. Talvez seriam as duas coisas.

O trecho acima descreve o curta-metragem cearense intitulado *Raimundo dos queijos*, dirigido por Victor Furtado. O filme circulou nos festivais de cinema do país com a seguinte sinopse: “um oásis de gente revela outro lado da vida no centro da cidade.”

Localizado há mais de 30 anos na Travessa Crato, número 44, o bar que dá título ao filme

---

\* Professor do curso de História da Universidade Federal do Cariri, mestre em Estudos de Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense e doutorando em História Social da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [rodrigo.capistrano@cariri.ufc.br](mailto:rodrigo.capistrano@cariri.ufc.br)

funciona durante a semana como um estabelecimento comercial especializado na venda de queijos, carne de sol, doces, castanhas e outros produtos regionais. Especialmente aos domingos pela manhã o comércio expande seus propósitos, se transformando num bar singular, capaz de reunir pessoas das mais variadas origens e faixa etária. Nos últimos anos passou a ser quase obrigatória a participação de músicos locais animando aqueles encontros com um repertório tradicional de forró, chorinho, clássicos da música popular brasileira e brega romântico.

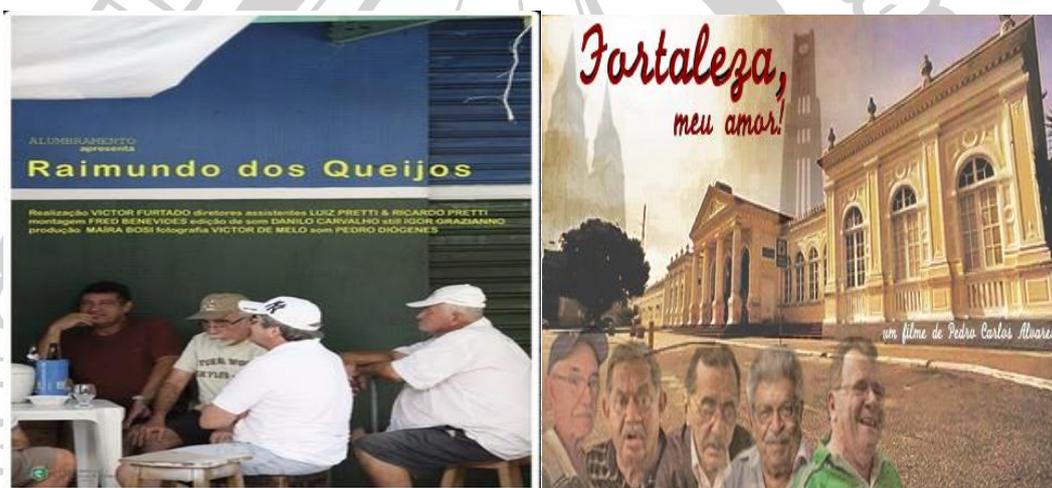
O filme de Victor Furtado fala desse universo apenas parcialmente. A maneira escolhida para que esse lugar fosse acessado é introduzindo um personagem, onde o ator também é o próprio diretor do filme. Victor Furtado seria o jovem que observa e interage muito pouco, tendo no seu caderno de anotações o registro de algumas impressões que também direciona e pontua o olhar dos espectadores. Temos aqui uma típica construção ficcional, onde aquele bar também poderia ser objeto de fabulação, lugar inventado e/ou imaginado.

Essa dualidade já começa no título do filme. A expectativa depositada em torno de uma obra que se apresenta com o nome de um bar homônimo, seria o de acompanharmos informações precisas sobre o mesmo, dando a conhecer o lugar, seus proprietários e frequentadores, além de indicar de maneira objetiva suas principais características de funcionamento. Essa seria a lógica prenunciada num documentário em seu estilo clássico, utilizando como possíveis recursos narrativos preferenciais algumas entrevistas, fotografias antigas do estabelecimento e/ou a voz de um narrador que “tudo explica”.

*Raimundo dos queijos* recusa essas características. Aquele lugar a todo momento vai ganhando força e status de existência, nas escolhas narrativas utilizadas pelos realizadores, na escrita afetiva inserida no diário do personagem, e até mesmo no próprio comportamento da câmera, acompanhando de forma curiosa a rotina de domingo de alguns dos seus principais trabalhadores e frequentadores, percebendo os sons peculiares das conversas corriqueiras e músicas que habitam o universo do bar. O estatuto documental encontra-se, portanto, premente na escrita fílmica e talvez na própria intenção dos realizadores. Porém, os espectadores são convocados a conhecer aquele lugar junto com o próprio ator-diretor do filme, onde as informações estão longe de uma precisão, lacunas abertas principalmente para aqueles que nunca frequentaram aquele ambiente. São nessas indeterminações que o filme se ancora, num jogo de possíveis que pode ser

tanto uma ficção como forma de pensar uma determinada realidade, como um documentário pautado pelo desejo de reinvenções de mundos.

A obra teve uma recepção polêmica no lugar em que foi realizado. Em janeiro de 2011, Victor Furtado organizou a primeira exibição pública do seu filme no próprio Raimundo dos Queijos. A noite de sexta-feira escolhida para essa estreia, foi um sucesso em termos de presença de público, mas desigual em se tratando de receptividade, especialmente entre alguns dos frequentadores do espaço. A quebra de expectativas, frustrando aqueles que aguardavam as já comentadas assertivas que o registro documental carrega consigo, potencializou o interesse em realizar outro filme. Por iniciativa do jornalista Pedro Carlos Álvares, um dos mais assíduos clientes do local, foi organizada a produção do documentário “Raimundo dos Queijos: a Confraria do Centro”. O filme contou com o apoio financeiro de amigos da referida confraria do título, ganhando destaque nas páginas dos jornais locais de Fortaleza: “Segundo o diretor, o documentário, diferente de um primeiro já gravado, contará com imagens e depoimentos de todos que fazem parte da história do lugar com comentários sobre importantes prédios históricos do bairro e propondo propostas de como resgatar o Centro de Fortaleza.” (PETRUCCI, 2012) O filme de Pedro Álvares acabou mudando de título, passando a se chamar *Fortaleza, meu amor*<sup>1</sup>, se transformando num média-metragem que também contou com uma exibição pública no Raimundo dos Queijos, em maio de 2012.



Cartazes dos filmes *Raimundo dos queijos*, de Victor Furtado e *Fortaleza, meu amor!*, de Pedro Álvares.

<sup>1</sup> Disponível na internet apenas o trailer, em: <http://www.youtube.com/watch?v=1vQftDvu9W0>. Último acesso: 22/11/2014.

De uma maneira geral, a proposta almejada pelo filme de Pedro Carlos Álvares seria realizar um contraponto ao trabalho de Victor Furtado, fazendo uma homenagem, na sua opinião, mais justa e verdadeira ao Raimundo dos Queijos e o Centro de Fortaleza. Esse episódio<sup>2</sup> é basilar para visualizarmos a maneira como se encontra cristalizada a visão tradicional do que seria um documentário, através de um modelo mais jornalístico e televisivo, com os acontecimentos narrados “em cadeia”, cerceados pelo jogo de causas e consequências temporais (BENJAMIN, 1994), carregando o peso dos regimes comprobatórios da verdade, responsável por render homenagens e monumentalizar indivíduos, grupos e instituições. (LE GOFF, 2004)

A diferença entre os realizadores se encontra também nas suas intenções de como e onde enquadrar a cidade, estabelecendo um regime de visualidade bastante distinto. *Raimundo dos queijos* procura lançar seu olhar para a multiplicidade de personagens que compõem aquele espaço. Voltando ao filme: após o vazio inicial dos primeiros planos, deixando em destaque as formas arquiteturais do centro de Fortaleza, o personagem interpretado pelo diretor Victor Furtado observa a progressiva chegada de outros clientes. Eles vão construindo um verdadeiro microcosmo, único lugar onde parece ser possível encontrar agitação, inseridos no grandioso e ainda adormecido centro da cidade numa manhã de domingo. Ainda com o bar um tanto vazio, a câmera registra prioritariamente as pessoas que ali trabalham: seu Raimundo, comerciante proprietário do espaço; Pote, o garçom mais antigo e tradicional; o grupo regional Asa Branca, composto principalmente por deficientes visuais que se apresentam frequentemente no Raimundo dos queijos; o senhor que recolhe nas mesas entre os clientes o *couvert* voluntário dado aos músicos; as duas mulheres grávidas que, entre travessas e panelas, organizam a vendas de quitutes junto ao bar. O pleno funcionamento daquele lugar é completado com as mesas de clientes que vão aos poucos se avolumando, no avançar das horas e do prosseguimento do forró.

A câmera possui um conjunto de enquadramentos rigorosos, percorrendo gestos e olhares de vários tipos humanos, além de descobertas, encantamentos e sensações de

---

<sup>2</sup> Esse momento também nos permite refletir acerca da importância em desenvolver diferentes canais de exibições para a produção de curtas-metragens. Geralmente restrito a lógica de festivais e circuitos bastante limitados de circulação, são poucos os filmes nesse formato capazes de gerar debates mais amplos. Apesar das propostas antagônicas, podemos dizer que *Raimundo dos queijos* suscitou um debate sobre linguagem cinematográfica, gerando inquietações suficientes para a produção de outro filme.

alteridade pontuados a cada instante pelo olhar do ator-realizador. Também nos chama bastante atenção o texto escrito pelo seu personagem. No já comentado diário, podemos acompanhar apenas parcialmente o que está sendo descrito: lemos alguns comentários a respeito das vozes e gargalhadas das pessoas, o vazio do centro da cidade na manhã de domingo, as cores das lojas, a peculiaridade da travessa onde se localiza o bar, pequenos rastros poéticos, até identificarmos a frase que se transformaria na sinopse proposta como material de divulgação da obra: “um oásis de gente revela outro lado da vida no centro da cidade”.

Nos últimos minutos do filme, a câmera percorre a elaboração de uma frase em especial: “o tempo vira vários diante de um clima de família.” Antes dela ser escrita, nos é mostrado de forma sequenciada um conjunto de crianças que se localizam no espaço físico do bar. Em aproximadamente um minuto de imagens, a câmera perde temporariamente seu movimento e assume um abrupto plano fixo: um menino de não mais de quatro anos se apresenta em primeiro plano no centro do quadro. Logo atrás dele encontra-se, solitário, o personagem de Victor Furtado. Na frente da criança, cruzam alguns transeuntes e uma mulher grávida, provavelmente a mesma que vimos anteriormente trabalhando na preparação dos quitutes. Nada dessa sequência é casual ou aleatória, onde cada elemento parece ter sido pensado para uma orquestração necessária, que pudesse garantir aquela composição visual. Depois dela, a frase é escrita. Esse elemento funciona como “uma deixa” para a sequência final do curta-metragem.

Agora a tela é preenchida pelo olhar do personagem principal, que denuncia a descoberta de algo. Uma espécie de plano subjetivo apresenta o motivo da mirada: um homem de meia idade, grisalho, com bigode, também se encontra sozinho em outra mesa, tomando sua cerveja e degustando queijo. Ele se parece fisicamente com o jovem que o observa. A câmera volta para Victor Furtado. Dessa vez, seu rosto ocupa todo o quadro em primeiro plano. A música é suprimida, ao mesmo tempo que seu olhar torna a denunciar aquele estranhamento. Se sucede um primeiro plano do senhor, que age com o olhar de maneira semelhante ao que anteriormente descrevemos. A música do chorinho retorna e o jovem é mostrado no fundo da tela em profundidade de campo. Ele paga a conta. Surge no quadro o título do filme, seguidos dos seus créditos finais. Ali temos a confirmação da participação do pai de Victor Furtado na obra audiovisual. Ele estaria presente naquele clímax, exponenciando a informação anteriormente descrita, onde “o tempo vira vários”.

Por trás de uma aparente simplicidade, Victor Furtado consegue suscitar inquietações com relação aos deslocamentos dos sujeitos na cidade, refletindo sobre lugares ainda não institucionalizados, fazendo interrogações acerca de múltiplas temporalidades.<sup>3</sup> Algumas de suas camadas de significação são demarcadas a partir do momento que o filme não se preocupa em enquadrar totalmente o ambiente. O interesse maior é a realização de uma experiência com esse lugar, trabalhando também com o entrecruzamento de tempos, que simultaneamente convergem e se distanciam (RANCIÈRE, 2011). Essa é a afirmação e o principal gesto contemporâneo deixado em *Raimundo dos queijos*: absorver os tempos e também se desprender deles (AGAMBEN, 2009), servindo tanto para observá-los, como para fazê-los circular.

## CONCLUSÃO

Desde seus primórdios, o cinema nos oferece várias possibilidades para pensar o tempo de forma diferente. Falamos aqui do tempo não como uma medida, nem passível de cálculo, mas marcado pela sua própria impossibilidade de apreensão. *Raimundo dos queijos* representa a concretização de mais um desses pequenos gestos, continuando a credenciar o cinema como uma rica forma de pensamento, especialmente para refletir acerca dos usos dos espaços e das reflexões sobre o tempo.

São poucos os filmes cearenses que problematizaram a cidade de Fortaleza de maneira efetiva<sup>4</sup>. Acreditamos que apenas na última década isso vem se transformando. Na maioria dos filmes realizados, não são apresentadas muitas certezas sobre a cidade. A representação desse centro urbano geralmente encontra-se ‘borrada’, envolta numa relação de descobertas entre o território e os indivíduos, onde os próprios realizadores parecem experienciar uma cidade ainda em vias de construção. Como afirmou Antônio Arantes: “a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa

<sup>3</sup> Essas características também guardam consonância com seu último filme, *Meu amigo mineiro* (2012), realizado em parceria com o cineasta mineiro Gabriel Martins.

<sup>4</sup> São raros os exemplos de obras anteriores aos anos de 1990 que se apropriaram e tematizaram os espaços da cidade. Uma das exceções foi o longa-metragem encomendado e financiado pelo grupo empresarial Edson Queiroz, *O homem de papel* (1976). A direção coube a Carlos Coimbra, mesmo diretor de *A morte comanda o cangaço*. Trata-se de um *thriller* policial com pretensões voltadas para o mercado cinematográfico e a promoção do turismo na capital. Perseguições, sedução e muitos tiros incrementam os elementos da trama, que está sempre incorporando questões regionalistas: “Assistimos a pescadores, rodas folclóricas, músicas-tema sobre a grandeza regional, e *O Homem de Papel* transforma-se num policial solar, com praias e dunas que via de regra surgem como elementos centrais da ação”. (ORMOND, 2005)

arquitetura de territórios, (...) que resulta na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios sociais de identidade tematizados pela antropologia clássica”. (2000: 106).

Nessa lógica, encontram-se muitos trabalhos assinados por jovens cineastas do Ceará, marcando um perfil predominantemente urbano às obras audiovisuais. A grande maioria buscam realizar esse contato com a cidade, numa Fortaleza que se apresenta como um produto de experiências subjetivas, tanto individuais, como coletivas. Nos filmes, vemos que essa percepção da cidade não é fechada, não apresenta valores e conhecimentos prévios, não se exige dela definições precisas. Aqui, a história urbana proposta parte das indissociáveis experiências de lazer, trabalho e vida cotidiana, colocando em estreito diálogo tanto a materialidade e conteúdo dos filmes, como os aspectos contidos no plano extrafílmico dos mesmos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Ed. Argos, 2009.

ARANTES, Antônio Augusto. “A guerra dos lugares”. In: **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas – volume 1. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

ORMOND, Andrea. **O homem de papel**. [Dezembro de 2005]. Disponível em: <http://estranhoencontro.blogspot.com.br/2005/12/o-homem-de-papel.html>. Último acesso: 22/11/2014.

PETRUCCI, Jéssica. **Raimundo dos queijos vai ser tema de documentário**. Jornal Diário do Nordeste. [28 de fevereiro de 2012]. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=941274>. Último acesso: 22/11/2014.

RANCIÈRE, Jacques. “O conceito de anacronismo e a verdade do historiador.” In: SALOMAN, Marlon. **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC: Ed. Argos, 2011.